

**Identities, conflicts and interaction in the Roman Empire:
o caso da cidade de Éfeso na Ásia Menor**

**(Identities, conflicts and interaction in the Roman Empire: The case of the city of
Ephesus in Asia Minor)**

José Geraldo Costa Grillo
Universidade Federal de São Paulo
jgc@yahoo.com.br
Pedro Paulo Abreu Funari
Universidade Estadual de Campinas
ppfunari@uol.com.br

Recibido :10/09/2016
Evaluado:15/09/2106
Aceptado: 20/09/2016

Resumo:

Os autores abordam o tema das interações identitárias durante o período imperial romano a partir do caso da cidade de Éfeso na província da Ásia Menor. Tomando por base uma passagem do livro neotestamentário de Atos dos Apóstolos (19,23-40), procuram mostrar como três movimentos religiosos conflitantes, o cristianismo, o judaísmo e o culto de Ártemis foram levados à integração no contexto de uma cidade helenística sob o domínio romano.

Palavras-chave: Éfeso. Identities. Império Romano.

ABSTRACT:

The authors address the issue of identity interactions during the Roman imperial period from the case of the city of Ephesus in province of Asia Minor. Based on a New Testament passage from the book of Acts of the Apostles (19.23-40), seek to show how three

conflicting religious movements, Christianity, Judaism and the cult of Artemis were led to integration in the context of a Hellenistic city under Roman rule.

KEYWORDS: Ephesus. Identities. Roman Empire.

Introdução

Estudos recentes têm posto em evidência a necessidade de revisão de modelos interpretativos na área das Ciências Humanas como um todo e, conseqüentemente, no campo da História em particular. Uma profunda revisão epistemológica levou à reavaliação dessa disciplina, abrindo caminho para a reflexão sobre o fazer histórico e à formação de uma perspectiva analítica, que toma a História como discursos oriundos das percepções de seus produtores. Buscam-se, agora, modelos menos normativos acerca das relações humanas no passado, passando em revista antigas interpretações e propondo novas perspectivas, que alteram profundamente os estudos acerca do passado, uma vez abrirem espaço para novas maneiras de perceber os vários povos em suas diversas facetas e para novas temáticas, como “identidade e conflitos” na Antiguidade clássica¹.

A par desse processo de mudanças epistemológicas, abordamos o tema das interações identitárias durante o período imperial romano a partir do caso da cidade de Éfeso na província da Ásia Menor. Tomando por base uma passagem do livro neotestamentário de Atos dos Apóstolos (19,23-40), procuramos mostrar como três movimentos religiosos conflitantes, o cristianismo, o judaísmo e o culto de Ártemis foram levados à integração no contexto de uma cidade helenística sob o domínio romano.

1. Identidades no mundo romano

O estudo das identidades sociais intensificou-se nas últimas décadas, tendo em vista, em parte, a eclosão de conflitos a partir de afirmações de particularidades. No âmbito das ciências humanas e sociais, multiplicaram-se, em conseqüência, as críticas aos antigos modelos normativos que enfatizavam o compartilhamento de valores sociais, o sentimento de pertença (*belonging*) e a homogeneidade social. O mundo antigo - antes visto sob as

¹ Garraffoni, Renata Senna. «Apresentação n^{os} 48 e 49: Identidades e conflitos no mundo antigo & Mundo antigo e cultura moderna». *História: Questões & Debates*, 48-49, 2008, pp. 5-8.

lentes do moderno estado nacional - passou a ser objeto de uma renovada reflexão, que passou a enfatizar a fluidez e heterogeneidade das identidades sociais.

O moderno estudo do mundo, a partir das primeiras décadas do século XIX, coincidiu com o florescimento do estado nacional e com os seus teóricos, alguns dos quais estudiosos do mundo antigo. John Stuart Mill, em 1861, ponderava que:

Uma parte da humanidade pode ser considerada uma nacionalidade, se eles estão unidos entre si por simpatias comuns, que não existem entre eles e outros – que os fazem cooperar uns com os outros de maneira mais voluntária do que com outras pessoas, e desejam estar sob um mesmo governo e desejam, ainda, que seja um governo deles mesmos ou de uma parte deles, exclusivamente².

Mill considerava, portanto, que haveria compartilhamento de valores e um governo correspondente a esse grupo, um projeto político dos nascentes estados nacionais e que dependiam da escola como elemento central para fazer com que as pessoas tivessem como compartilhar valores³. A nação, assim concebida, era uma invenção recente, pois as formações políticas anteriores não se baseavam nesse compartilhamento nem homogeneidade. Franceses e ingleses eram, antes de tudo, os súditos dos reis da França e da Inglaterra e falavam muitas línguas, ocupavam territórios espalhados, tinham costumes diversos e só compartilhavam a submissão ao rei. *Mutatis mutandis* se pode dizer que, antes disso, os romanos eram os que tinham o título de cidadão (*ciuis*), mas falavam idiomas diversos entre si, tinham estatuto jurídico variado e não se esperava, de forma alguma, que todos compartilhassem valores nem, muito menos, era concebível que o poder (*imperium, potestas*) fosse representativo do conjunto de cidadãos. Como corpo heterogêneo e de variado estatuto jurídico, isso não faria sentido e nem os cônsules ou os príncipes e imperadores almejavam ser uma representação dessa variedade.

² Mill, John Stuart, *Considerations on Representative Government*. Chicago: Gateway, 1962, p. 303. A citação original, por nós traduzida, é a seguinte: *a portion of mankind may be said to constitute a Nationality, if they are united among themselves by common sympathies, which do not exist between them and any others – which make them to co-operate with each other more willingly than with other people, desire to be under the same government, and desire that it should be government by themselves or a portion of themselves exclusively.*

³ Ellner, Ernest, *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983, p. 34; cf. Funari, Pedro Paulo A.; Pelegrini Sandra. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Foi, portanto, a modernidade que criou o projeto político da homogeneidade: “o nacionalismo criou os estados nacionais, não o contrário”, nas palavras de Ernest Gellner⁴. Para explicar a existência, desde o princípio dos tempos, dessas unidades homogêneas, recorreu-se, muitas vezes, à natureza, a uma presença infável de uma essência comum que explicaria o compartilhamento de valores. Entretanto, esse não foi o único projeto político moderno, pois sempre houve vozes discordantes, tanto nos movimentos sociais, como entre a intelectualidade. Socialistas, anarquistas, sufragistas, e tantos outros, todos eles batiam-se por identidades menos homogêneas e subalternas ao novo estado nacional. Estudiosos do mundo romano e nacionalistas alemães liberais como Theodor Mommsen e Max Weber admitiam um grau de heterogeneidade na construção da nova nação alemã e *eo ipso* da própria antiguidade romana.

No entanto, as noções de homogeneidade e de pertencimento foram tão importantes para o projeto do estado nacional, tanto pela direita como pela esquerda, que acabaram por impregnar o estudo da Antiguidade. No auge do nacionalismo, Joseph Stalin defendia essa visão unitária, ainda no início do século XX:

Uma nação é uma comunidade estável de um povo, historicamente constituído, formado com base em língua, território, economia e psicologia comuns, que se manifestam em uma cultura compartilhada.⁵

Nas décadas seguintes, com o florescimento dos nacionalismos entre a Primeira (1914-1918) e a Segunda Guerra (1939-1945) Mundiais haveria um reforço na ênfase da homogeneidade e compartilhamento e o estudo do mundo romano, em particular, foi afetado por essas percepções. Como parte dessas abordagens modernas, além do ofuscamento da diversidade e dos conflitos, houve um predomínio de perspectivas que pouca atenção davam à imensa variedade das experiências religiosas modernas e, como resultado, também antigas. A religiosidade como fator de agrupamento humano constituía

⁴ Gellner, Ernest, *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983, p. 55, no original: *it is nationalism which engenders nations, not the other way round*.

⁵ Stalin, Joseph. *Marxism and the National Question*, originalmente publicado em 1913 e disponível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1913/03a.htm#s1>. A versão acessada, em inglês, é a seguinte: *A nation is a historically constituted, stable community of people, formed on the basis of a common language, territory, economic life, and psychological make-up manifested in a common culture*.

um ruído, um elemento que fugia ao projeto de estado nacional, pois fugia ao controle do estado, ao menos em potencial. Mesmo os nacionalismos fundados, de alguma maneira, em unidades religiosas – como na simbiose entre nação grega e ortodoxia ou no papel do judaísmo no sionismo – sempre colocaram as crenças em uma posição subsidiária, a serviço da nascente nacionalidade.

A religiosidade representou, com freqüência, um aspecto pouco assimilável para o conceito de identidade decorrente do estado nacional moderno. As igrejas constituídas, em geral, não se limitavam a uma nação, como no caso das denominações protestantes ou no universalismo do Catolicismo ou da Ortodoxia, assim como na diversidade das congregações judaicas ou das seitas muçulmanas. A diversidade, em qualquer caso, seria uma conseqüência indesejável, assim como a falta de controle da autoridade do estado nacional, perante as hierarquias religiosas e, mais ainda, aos sentimentos religiosos das pessoas, que fugiam ao controle e às determinações nacionalistas e tendentes à homogeneidade. A religiosidade, tanto por sua imensa variedade, como pelos poderes paralelos, constituía antes um problema a ser, se possível, evitado.

A historiografia sobre o mundo romano, de alguma forma, foi afetada por tais humores. A imensa diversidade étnica, cultural, mas também religiosa, em época romana, foi sempre reconhecida, mas não sem certo receio de perder a unidade, supremacia e homogeneidade desse neologismo, a romanidade. Neologismo, pois nunca houve o termo *romanitas*, na própria antiguidade, mas o próprio conceito de romanização implicava um *telos*, um objetivo final, o ser romano. Neste quadro, as religiosidades do mundo romano, não apenas com sua diversidade, mas com suas contradições e conflitos, representaram desafios para a historiografia normativa, aquela que considera que a sociedade está regida por normas sociais respeitadas pela maioria e rejeitada apenas pelos desviantes⁶.

Neste contexto, particulares desafios constituíram as religiosidades judaicas da época do Principado. Por um lado, os múltiplos movimentos judaicos ou judaizantes foram importantes referências para o estudo e a compreensão do Cristianismo, mas não deixavam de representar uma ameaça às noções de homogeneidade e compartilhamento de valores,

⁶ Funari, Pedro Paulo A; Garraffoni, Renata Senna; Silva, Glaydson José. «Questões sobre o estudo da Antiguidade no Brasil» 22/06/2010. *História e-História*, 2010, pp. 1-15, 2010.

prenhes que eram de diversidade e de conflitos entre si e com os poderes constituídos. O uso de fontes em aramaico ou hebraico, por isso mesmo, tardou muito, sendo, ainda hoje, uma sofisticação pouco usual para os classicistas, que se dedicam ao estudo dos idiomas canônicos: latim e grego. Isso reflete a tradicional divisa *rabbínica sunt, non legentur*, mas adquire novo sentido, no âmbito da unidade almejada do estado nacional, pois a própria religiosidade, as visões e milagres, as esperanças escatológicas, tudo isso representa desafios ingentes tanto para a modernidade e o estado nacional, como para a historiografia sobre a antiguidade. Nesta ocasião, trataremos de alguns aspectos dessa diversidade religiosa romana, suas contradições e conflitos e, acima de tudo, a fluidez e permanente interação das identidades sociais.

2. Atos dos Apóstolos como uma obra histórica

Segundo a tradição eclesiástica, a obra do autor, composta em dois volumes, o terceiro Evangelho e os Atos dos Apóstolos, teria sido escrita por Lucas, um médico grego e companheiro do apóstolo Paulo em algumas de suas viagens; todavia, vários indícios em seu texto revelam ser ele um judeu de língua grega, familiarizado com a sinagoga e sua retórica, e convertido ao cristianismo, que deve ter escrito sua por volta dos anos 80-90 d.C.⁷.

Tido, desde tempos remotos, como uma das fontes principais para a história do cristianismo primitivo, o livro de Atos dos Apóstolos passou, com o advento do historicismo, a ser visto com suspeita pelos estudiosos no que tange à competência de seu autor e à confiabilidade de seu relato. Da perspectiva da crítica tradicional do documento, é comum a opinião de que o autor não escreveu uma história no sentido estrito do termo, mas sim uma “história épica”, sendo muito difícil recuperar, a partir dela, informações utilizáveis para a história, ainda que se admita a possibilidade de terem sido incorporados elementos históricos na narrativa; como é o caso da passagem da qual nos ocupamos⁸.

⁷ Grillo, José Geraldo Costa. «As relações entre cristãos e judeus no final do século I d.C.: continuidade ou descontinuidade? O testemunho de Atos dos Apóstolos 2,14-40». *Boletim do Centro de Estudos e Documentação sobre o Pensamento Antigo Clássico, Helenístico e sua Posteridade Histórica*, 12, 2001, pp. 67-87.

⁸ Assim, Köster, Helmut. *Introduction to the New Testament: II, History and literature of early Christianity*. New York; Berlin: Walter de Gruyter, 1995, p. 322. Cf. ainda Köster, Helmut. «Ephesos in early Christian

De outro ponto de vista, seja entre os que se dedicam aos estudos clássicos⁹, seja entre aqueles da exegese bíblica¹⁰, firma-se cada vez mais a idéia de que as características formais (prefácio, discursos para os principais personagens e o estilo dos episódios dramáticos) apontam ser Atos dos Apóstolos uma obra escrita conforme as convenções da historiografia greco-romana de seus dias. Trata-se de um esforço de resgatar a competência do autor como historiador e da credibilidade histórica de seu relato. Inspirados em trabalhos como os de Paul Veyne¹¹, que com sua noção de intriga questionou a distinção entre história e historiografia, e os de Paul Ricoeur¹² sobre a temporalidade e a intencionalidade no relato histórico, entendem não haver história fora da mediação da interpretação, por meio da qual o historiador atribui um sentido ao passado, tornando sua história um relato construído a partir desse ponto de vista. O livro de Atos dos Apóstolos é removido, então, do campo da objetividade e da verdade factual, para aquele da interpretação que lhe dá uma realidade suscetível, ela mesma, de diversas interpretações¹³.

Criadas as condições para superar as antigas aporias em torno da obra e de seu autor e o reconhecimento de que a História é uma forma de “criação”, podemos, sem nenhum desmerecimento, assumir ter o autor uma intencionalidade: “escrever um tipo especial de história, a história da salvação”¹⁴. Não se trata, portanto, de uma história eclesiástica, nem de uma história dos movimentos religiosos, mas sim da história da salvação, que se inicia com Jesus e termina com a prisão de Paulo em Roma.

literature». In: Köster, Helmut. (Ed.). *Ephesos metropolis of Asia: an interdisciplinary approach to its archaeological, religion, and culture*. Valley Forge: Trinity, 1995, pp. 129-130, onde afirma que o incidente de Atos 19.23-40 reflete o contexto histórico de Éfeso e atesta o conhecimento do autor sobre a situação política e religiosa da cidade.

⁹ Palmer, Darryl W. «Acts and the ancient historical monograph». In: Winter, Bruce W.; Clarke, Andrew D. (Ed.). *The Book of Acts in its first century setting: I – The book of Acts in its ancient literary setting*. Grand Rapids; Carlisle, 1993, pp 1-29.

¹⁰ Jervell, Jacob. «The future of the past: Luke’s vision of salvation history and its bearing on his writing of history». In: Witherington, Ben (Ed.). *History, literature, and society in the Book of Acts*. Cambridge: Cambridge University, 1996, pp. 104-126.

¹¹ Veyne, Paul. *Comment on écrit l’histoire*. Paris: Seuil, 1996.

¹² Ricoeur, Paul. *Temps et récit*. 3 volumes. Paris: Seuil, 1983-1985.

¹³ Marguerat, Daniel. *La première histoire du christianisme: les Actes des Apôtres*. Paris; Genève: Cerf; Labor et Fides, 1999, pp. 17-18.

¹⁴ Jervell, Op. cit., p. 110.

3. Os conflitos entre cristãos, judeus e o culto de Ártemis

O incidente ocorrido na cidade Éfeso (At 19.23-40) é um dos episódios que compõem a terceira viagem de Paulo (At 18.23-21.14), que deve ter se dado durante o Principado de Claudio entre 47 e 54 d.C.¹⁵; todavia, elementos redacionais indicam que o texto deve ser considerado em sua forma final, isto é, a partir do significado dado ao acontecimento pelo autor décadas mais tarde, entre 80-90 d.C.¹⁶.

O autor organiza o relato conforme seu narrador põe em cena os personagens envolvidos¹⁷: Primeiramente, o narrador apresenta a situação (v. 23-25a): a) “Naquele tempo, aconteceu um tumulto (*tárachos*) não pequeno a respeito do Caminho (*perì tês hodoû*)”; b) “Um homem chamado Demétrio, ourives (*argyroκόπος*), fabricante de templos de prata de Ártemis (*poiôn naoûs argyroûs Artémidos*), dava um lucro não pequeno aos artífices (*technítai*); c) “ele os reuniu com aqueles que têm o mesmo ofício (*toûs perì tà toiaûta ergátas*)”.

Demétrio, então, discursa e acusa Paulo (v. 25b-27): a) “Homens! (*ándres*) [...], não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo, pelos efeitos de persuasões (*peísas*), desencaminhou (*metéstesen*) grande multidão, dizendo que não são deuses, esses feitos pela mão”; b) colocando em perigo tanto “nossa profissão (*méros*)”, quanto “o templo da grande deusa Ártemis” (*tò tês megáles theâs Artémidos hieròn*), “aquela que toda a Ásia e o mundo cultuam (*sebétai*)”.

O narrador retoma (v. 28-34) informando que: a) ao ouvirem isso os participantes reagem gritando: “Grande é a Ártemis dos efésios (*megále he Ártemis Ephesíon*)”; b) “o tumulto espalhou-se por toda a cidade (*pólis*)”, que unânime precipita-se para o teatro (*tò théatron*), levando consigo Gaio e Aristarco, “companheiros de viagem (*synekdémous*) de Paulo”; c) Paulo, que estava ausente, “queria se apresentar diante do povo (*eis tôn dêmon*)”, mas foi

¹⁵ Para os detalhes dessa datação e da estadia de Paulo na Ásia Menor, cf. SORDI, Marta. «Paolo e le città d’Asia». In: Urso, Gianpaolo (a cura di), *Tra Oriente e Occidente. Indigeni, greci e romani in Asia Minore*. Atti del convegno internazionale. Cividale del Friuli, 28-30 settembre 2006. I convegni della Fondazione Niccolò Canussio, 6. Pisa: ETS, 2007, pp. 141-150.

¹⁶ Prieto, Christine. *Christianisme et pananisme. La predication de l’Évangile dans le monde gréco-romain*. Genève: Labor et Fides, 2004, pp. 27-44.

¹⁷ Seguimos o texto grego do *Novum Testamentum Graece*. Post Eberhar et Erwin Nestle editione vicesima septima revisa communiter ediderunt Barbara et Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger. Apparatum criticum novis curis elaboraverunt Barbara et Kurt Aland una cum Instituto Studiorum Textus Novi Testamenti Monasterii Westphaliae. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

impedido pelos discípulos (*matetai*) e pelos asiarcas (*Asiárchai*), seus amigos; d) “a assembleia tornou-se confusa (*he ekklesia sygkechyméne*)”; e) Alexandre é colocado na frente pelos judeus (*Ioudaíois*) para apresentar a defesa (*apologeísthai*) diante do povo, que quando percebe ser ele um judeu (*Ioudaíos*), por duas horas gritava: “Grande é a Ártemis dos Efésios”.

O secretário da assembleia (*ho grammateús*) toma, então, a palavra (v. 35-40a): a) “Homens efésios (*ándres Ephésioi*), quem dentre os homens que não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã (*neokóron*) da grande Ártemis e de sua estátua caída do céu (*diopetoús*)? Essas coisas são incontestáveis”; b) “De fato, estes homens que trouxestes não são sacrílegos nem blasfemadores em relação à nossa deusa (*oúte hierosýlous oúte blasphemountas tèn theòn hemôn*)”; c) “Portanto, se Demétrio e os artífices (*technítai*) que estão com ele têm alguma queixa contra alguém (*prós tina lógon*), há sessões dos tribunais e procônsules (*agoraíoi ágontai kai anthýpatoi eisín*)”; d) “e, se estais procurando mais alguma coisa, na assembleia regular (*en tēi ennómoi ekklesiai*) será resolvida”; e) “de fato, corremos perigo de ser acusados de sedição (*stáseos*) com respeito ao dia de hoje”. O narrador (v. 40b) finaliza informando que o secretário, “tendo dito isso, dissolveu a assembleia”.

Dessa maneira, o relato configura o incidente como um conflito entre três movimentos religiosos: o Caminho¹⁸, os judeus e o culto de Ártemis¹⁹. Dos três grupos envolvidos na cena, o Caminho e os adoradores de Ártemis desempenham, respectivamente, os papéis de protagonista e de antagonista, no confronto. O papel dos judeus é de coadjuvante; porém, o fato de que, quando Alexandre é reconhecido como judeu, a multidão brada uníssona a grandiosidade da deusa Ártemis, atesta um atrito entre os adoradores da deusa e a comunidade judaica de Éfeso.

Ainda que o autor de Atos insinue, pelo emprego das lítotes “tumulto não pequeno” e “lucro não pequeno” (v. 23 e 24), que o conflito tivesse um interesse econômico, o cerne da questão era de natureza religiosa. A fala de Demétrio revela uma verdadeira luta de

¹⁸ Este é o termo com o qual o autor de Atos designa o grupo cristão e o seu ensinamento (Cf. At 19.9; 22.4; 24.14,22). Segundo Preto, Christine, Op. cit., p. 28, “o termo não é estritamente religioso, mas designa uma corrente de pensamento, principalmente filosófica”.

¹⁹ O culto de Ártemis é representado pelos adoradores da deusa, compostos por Demétrio e os artífices a ele associados e pela cidade de Éfeso como um todo que aflui à reunião no teatro.

representações religiosas. Por um lado, se, como alega Paulo, as imagens que ele faz não são deuses porque feitas por mãos humanas (v. 26), isso significa que Paulo não compartilha da concepção religiosa segundo a qual a imagem de um deus é igual a ele próprio. Com isso Demétrio argumenta que negar a imagem significa negar o deus ao qual ela remete. De outro lado, o autor de Atos procura dizer com isso que as imagens que Demétrio fabrica são simples objetos, legitimando implicitamente a pregação iconoclasta de Paulo.

Essas, todavia, não são as únicas implicações desse debate. O autor de Atos se esforça por descaracterizar a legitimidade da reunião. De início, reúnem-se somente Demétrio e uma associação dos artífices; depois, a cidade aflui ao teatro, mas tanto Paulo, quanto Alexandre, um cristão e outro judeu, tentam apresentar suas defesas diante do “povo” (v. 30 e 33), e não da “assembléia regular”; afirmação que ele põe na boca de seu próprio secretário, ali presente (v. 38). Mas seu relato deixa entrever outras conseqüências, talvez indesejadas por ele. O mesmo secretário afirma também ser a cidade Éfeso a guardiã²⁰ do templo de Ártemis e que sua estátua não foi feita por homens, tendo, pelo contrário, caído do céu (v. 35); matéria incontestável, segundo ele, e passível sim de ser levada à assembléia se houver denúncia (v. 39). Além disso, alerta que tal polêmica pode gerar a acusação de sedição (v. 40), um problema gravíssimo aos olhos de Roma²¹, representada na cidade pelo procônsul (v. 38) da província da Ásia Menor.

4. A necessidade de interação

Diante de tal situação, o autor de Atos sinaliza sutilmente que a única alternativa aos cristãos é a de envidarem todos os esforços para não serem tomados por sacrílegos e blasfemadores em relação à deusa Ártemis (v. 37). O que levou ao autor de Atos a essa postura? O contexto da vida em cidade, certamente.

²⁰ Considerando-se que o neocorato aparece do final do século I d.C. para frente, o episódio relatado no texto só faz sentido nessa mesma época em que ele foi escrito. Cf. Friesen, Steven. «The Cult of the Roman emperors in Ephesos: temple wardens, city titles, and the interpretation of the Revelation of John». In: Köster, Helmut. (Ed.). *Ephesos metropolis of Asia: an interdisciplinary approach to its archaeological, religion, and culture*. Valley Forge: Trinity, 1995, p. 232.

²¹ Trebilco, Paul. «Asia». In: Gill, David W. J.; Gempf, Conrad (Ed.), *The Book of Acts in its first century setting*. 2, *Graeco-roman setting*. Grand Rapids; Carlisle: Eerdmans; Paternoster, 1994, pp. 342-344.

Se Demétrio dirigiu-se à associação dos artífices chamando-os simplesmente “Homens!” (v. 25), o secretário apela a todos os presentes de “Homens efésios” (v. 35) indistintamente. No final de sua estadia na Ásia, Paulo da cidade de Mileto envia emissários a Éfeso para chamarem os líderes da recém estabelecida igreja dos efésios, para deles se despedir (At. 20.17-38). A cidade contava também com uma antiga comunidade judaica²².

Roma conquistou e dominou a região da Ásia Menor e fez dela uma de suas províncias, estabelecendo Éfeso como sua metrópole. As cidades, na grande maioria de origem grega, passaram a integrar seu amplo sistema de administração e controle, mas como necessitava das cidades para manter sua estabilidade e coerência, tinha que preservá-las como comunidades organizadas (*póleis*) com suas instituições tradicionais e seus traços culturais. Nesse sentido, as cidades eram muito mais que espaços urbanos submetidos e desprovidos de identidade própria, eram entidades caracterizadas por tradições culturais e religiosas específicas de cada uma, mas ligadas ao mesmo tempo ao contexto mais amplo da cultura grega. Assim, essas cidades tinham por hábito estabelecer suas credenciais identitárias relacionando-as a cultos gregos e produzindo mitos e lendas, usualmente envolvendo os deuses do Olimpo ou ainda ligando a fundação da cidade ao passado histórico e mitológico da antiga Grécia. Esse processo fez com que a herança cultural grega se tornasse uma marca característica da vida cívica por toda a Ásia Menor²³.

No caso de Éfeso, além de ter sido fundada segundo as prescrições do Oráculo de Delfos, ligando-a a antiga Grécia, a cidade estabeleceu sua identidade em torno do culto de Ártemis e de seu templo, o Artemísion. O culto da deusa grega misturou-se com elementos locais transformando-se na Ártemis Efésica. Durante os três primeiros séculos do império romano, a mais proeminente e significativa religião em Éfeso foi o culto de Ártemis, que influenciou fortemente a vida cívica, econômica, política e religiosa da cidade, fazendo dessa metrópole o centro religioso da província da Ásia Menor²⁴. É justamente esse perfil

²² Levinskaya, Irina. *The Book of Acts in its first century setting. 5, Diaspora setting*. Grand Rapids; Carlisle: Eerdmans; Paternoster, 1996, pp. 143-148.

²³ Mitchell, Stephen. *Anatolia: land, men and Gods in Asia Minor. I, The Celts in Anatolia and the impact of Roman rule*. Oxford: Clarendon, 1995, pp. 198-226.

²⁴ Oster, Richard. «The Ephesian Artemis as an opponent of Early Christianity». *Jahrbuch für Antike und Christentum*, 19, 1976, pp. 24-44. Idem. «Ephesus as religious center under the Principate. I, Paganism before Constantine». In: Haase, Wolfgang (Hrsg.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt, II - Geschichte und*

identitário que Demétrio temia que fosse desconfigurado e que o secretário afirma ser incontestável.

Entretanto, isso não significa que um cristão ou um judeu fossem efésios como todos outros do ponto de vista identitários. Identidades não são exclusivas, mas combinatórias²⁵; as pessoas e os grupos permaneciam cristãos, judeus e, ao mesmo tempo, efésios; do mesmo modo que os efésios permaneciam gregos, sendo também romanos. Todos passaram pelo mesmo processo de interação e de integração à nova realidade em que viviam.

A visão do autor de Atos de uma expansão triunfante da pregação paulina não foi, portanto, um fato concreto, mas tão somente o seu objetivo, a sua expectativa. No final do século I d.C., o cristianismo ainda não era uma religião romana oficial, e pertencer à cidade implicava se integrar em todas as suas esferas sem emitir críticas sobre os cultos e costumes locais. A adesão ao cristianismo era uma opção possível, desde que não coloque em risco a harmonia da cidade²⁶. Foi essa a conjuntura que levou, a nosso ver, à busca, mesmo que a contragosto, de uma convivência pacífica e harmoniosa na cidade.

Considerações finais

As preocupações recentes sobre a heterogeneidade e a diversidade, no presente e no passado, assim como o reconhecimento da relevância dos sentimentos religiosos, levaram a considerações mais abrangentes e menos excludentes sobre o mundo romano. Os movimentos oriundos dos judaísmos antigos foram de particular importância e relevância, por sua imensa criatividade e fluidez. Procuramos, neste estudo de caso, mostrar como pode ser fértil abordar o tema das interações identitárias no império romano, baseados em um texto de natureza religiosa e estarmos atentos em evitar qualquer tipo de depreciação. Nossa única preocupação foi refletir sobre um caso do passado e mostrar como movimentos conflitantes, apesar de suas diferenças, vieram a conviver dentro de uma circunstância histórica específica.

kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung. *Principat*, 18.3 – Religion (Heidentum: die religiösen verhältnisse in den provinzen [Forts.]). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1990, pp. 1661-1728.

²⁵ Woolf, Greg. «Becoming Roman, staying Greek: culture, identity and the civilising in the Roman East». *Proceeding of the Cambridge Philological Society*, 40, pp. 116-143, 1994.

²⁶ Prieto, Christine, *Op. cit.*, pp. 43-44.

Bibliografia

Novum Testamentum Graece. Post Eberhar et Erwin Nestle editione vicesima septima revisa communiter ediderunt Barbara et Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger. Apparatum criticum novis curis elaboraverunt Barbara et Kurt Aland una cum Instituto Studiorum Textus Novi Testamenti Monasterii Westphaliae. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

Köster Helmut, Assim. *Introduction to the New Testament: II, History and literature of early Christianity*. New York; Berlin, Walter de Gruyter, 1995.

Ernest, Ellner. *Nations and Nationalism*. Oxford, Blackwell, 1983.

Friesen, Steven. «The Cult of the Roman emperors in Ephesos: temple wardens, city titles, and the interpretation of the Revelation of John». In: Köster, Helmut. (Ed.). *Ephesos metropolis of Asia: an interdisciplinary approach to its archaeological, religion, and culture*. Valley Forge: Trinity, 1995, pp. 229-250.

Pedro Paulo A, Funari; Renata Senna, Garraffoni; Glaydson José, Silva, «Questões sobre o estudo da Antiguidade no Brasil» 22/06/2010. *História e-História*, 2010, pp. 1-15.

Funari, Pedro Paulo A.; Pelegrini Sandra. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Garraffoni, Renata Senna. «Apresentação n^{os} 48 e 49: Identidades e conflitos no mundo antigo & Mundo antigo e cultura moderna». *História: Questões & Debates*, 48-49, 2008.

Gellner, Ernest. *Nations and Nationalism*. Oxford, Blackwell, 1983.

José Geraldo, Costa Grillo. «As relações entre cristãos e judeus no final do século I d.C.: continuidade ou descontinuidade? O testemunho de Atos dos Apóstolos 2,14-40». *Boletim do Centro de Estudos e Documentação sobre o Pensamento Antigo Clássico, Helenístico e sua Posteridade Histórica*, 12, 2001, pp. 67-87.

-
- Jacob, Jervell. «The future of the past: Luke’s vision of salvation history and its bearing on his writing of history». In: Witherington, Ben (Ed.). *History, literature, and society in the Book of Acts*. Cambridge, Cambridge University, 1996.
- Helmut, Köster. «Ephesos in early Christian literature». In: Köster, Helmut. (Ed.). *Ephesos metropolis of Asia: an interdisciplinary approach to its archaeological, religion, and culture*. Valley Forge, Trinity, 1995, 119-140.
- Irina, Levinskaya. *The Book of Acts in its first century setting. 5, Diaspora setting*. Grand Rapids; Carlisle: Eerdmans; Paternoster, 1996.
- Daniel, Marguerat. *La première histoire du christianisme: les Actes des Apôtres*. Paris; Genève: Cerf; Labor et Fides, 1999.
- John Stuart, Mill. *Considerations on Representative Government*. Chicago, Gateway, 1962.
- Stephen, Mitchell. *Anatolia: land, men and Gods in Asia Minor. I, The Celts in Anatolia and the impact of Roman rule*. Oxford, Clarendon, 1995.
- Oster, Richard. «Ephesus as religious center under the Principate. I, Paganism before Constantine». In: Haase, Wolfgang (Hrsg.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt, II - Geschichte und kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung. Principat, 18.3 – Religion (Heidentum: die religiösen verhältnisse in den provinzen [Forts.]*). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1990, pp. 1661-1728.
- Oster, Richard. «The Ephesian Artemis as an opponent of Early Christianity». *Jahrbuch für Antike und Christentum*, 19, 1976, pp. 24-44.
- Palmer, Darryl W. «Acts and the ancient historical monograph». In: Winter, Bruce W.; Clarke, Andrew D. (Ed.). *The Book of Acts in its first century setting: I – The book of Acts in its ancient literary setting*. Grand Rapids; Carlisle, 1993.
- Prieto, Christine. *Christianisme et pananisme. La predication de l’Evangile dans le monde gréco-romain*. Genève, Labor et Fides, 2004 .

Ricoeur, Paul. *Temps et récit*. 3 volumes. Paris, Seuil, 1983-1985.

Sordi, Marta. «Paolo e le città d'Asia». In: Urso, Gianpaolo (a cura di), *Tra Oriente e Occidente. Indigeni, greci e romani in Asia Minore*. Atti del convegno internazionale. Cividale del Friuli, 28-30 settembre 2006. I convegni della Fondazione Niccolò Canussio, 6. Pisa, ETS, 2007, pp. 141-150.

Stalin, Joseph. *Marxism and the National Question*, originalmente publicado em 1913 e disponível em:
<http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1913/03a.htm#s1>.

Trebilco, Paul. «Asia». In: Gill, David W. J.; Gempf, Conrad (Ed.), *The Book of Acts in its first century setting. 2, Graeco-roman setting*. Grand Rapids; Carlisle, Eerdmans; Paternoster, 1994.

Veyne, Paul. *Comment on écrit l'histoire*. Paris, Seuil, 1996.

Woolf, Greg. «Becoming Roman, staying Greek: culture, identity and the civilising in the Roman East». *Proceeding of the Cambridge Philological Society*, 40, 1994. pp. 116-143.